

A BIOGRAFIA DE UM MILITANTE DO MOVIMENTO NEGRO COMO CONTRIBUIÇÃO À PESQUISA HISTÓRICA

JULIANA DE SOUZA KRAUSS*

Biografia e História

Por muito tempo a biografia na perspectiva da História foi criticada e estigmatizada devido ao enfoque excessivo dado aos “grandes homens” e seus feitos heroicos, mas nos últimos anos o gênero biográfico voltou à cena. Este retorno está relacionado as renovações teóricas no campo da historiografia, especificamente, ao chamado retorno da história política, que anteriormente era identificada como *história historicizante*. Apesar dessas temáticas nunca terem deixado os debates históricos, durante a hegemonia dos *Annales* foram colocadas em segundo plano em detrimento da história das estruturas, que explicava as ações humanas através de determinações que escapavam aos homens (AVELAR, 2010: 158).

A partir da década de 1970, foram feitas diversas críticas a essa pretensão totalizadora da historiografia, a preocupação com as tensões entre a ação humana e as estruturas sociais levaram os/as historiadores/as a voltarem suas atenções para o indivíduo. Esse retorno à biografia ampliou as possibilidades de análise na medida em que (re)colocou problemas centrais no debate historiográfico contemporâneo: as relações entre a sociedade e o indivíduo, fragmentação e unidade, explicação e narração, público e privado, entre outros (SCHMIDT, 2000: 13).

[...] o estudo biográfico é um espaço privilegiado para discutir temas centrais na historiografia contemporânea [...]. O retorno à biografia se coloca dentro de um movimento amplo da renovação dos instrumentos conceituais e metodológicos da história, assim como repensar de uma concepção do que é o homem e sua relação com a história (LIMA FILHO, 1994: 93).

A descoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história

* Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

atentas ao “cotidiano”, a “subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico.

Apesar das motivações que levaram a este retorno ao método biográfico, foi muitas vezes interpretado como uma capitulação. Alguns/mas historiadores/as argumentam que tal fato representa o risco do abandono à “história-problema” para voltar a história cronológica, que se caracteriza por sua conceituação frágil (LORIGA, 1998: 226).

O mal-estar causado pela irrupção da biografia aos poucos foi se dissipando, com isso o estudo da trajetória individual incorporou-se ao modelo macroestrutural dos *Annales*. Os/as historiadores/as ligados a este movimento enfatizaram que o retorno ao gênero biográfico não representava a volta a história *événementielle*. Os indivíduos eram abordados desde que estivessem situados nos limites permitidos pelo seu meio social e pela sua época.

Mesmo desfrutando da atenção de boa parte dos/as historiadores/as a biografia apresenta/va ambiguidades:

[...] Arnaldo Momigliano assinalou ao mesmo tempo a ambiguidade e a fecundidade da biografia: por um lado, “não admira que a biografia esteja se instalando no centro da pesquisa histórica. Enquanto os primórdios do historicismo tornam mais complexas quase todas as formas de história política e social, a biografia permanece algo relativamente simples. Um indivíduo tem limites claros, um número restrito de relações significantes... A biografia se abre a todo tipo de problemas dentro de fronteiras bem definidas”. Por outro lado, no entanto, “os historiadores serão um dia capazes de enumerar os incontáveis aspectos da vida? Doravante a biografia assume um papel ambíguo em história: pode ser um instrumento da pesquisa social ou, ao contrário, propor uma forma de evita-la” (LEVI, 2006: 167-168).

As indagações feitas levaram os/as historiadores/as a questionarem-se das possibilidades e limites de construir uma narrativa biográfica. Levi argumenta que além do problema da falta de fontes, muitas vezes os/as historiadores/as esperam que seus sujeitos históricos sigam um modelo de racionalidade limitado e anacrônico. Pautando-se numa tradição biográfica presente no campo da história e a retórica da disciplina, os/as historiadores/as conformam-se com modelos que relacionam uma personalidade coerente e estável, com uma cronologia organizada (LEVI, 2006: 169).

Esses impasses levaram Bourdieu a duvidar da possibilidade desta narrativa a qual ele classificou como “ilusão biográfica”, na qual o autor frisa a importância de reconstruir o contexto que cerca o indivíduo:

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis¹ (BOURDIEU, 2006: 190).

Essa preocupação com o contexto auxiliou na mediação das especificidades nos relatos dos destinos individuais. O que muitas vezes acaba resultando em narrativas de camadas, o chamado “paradoxo do sanduiche”, na qual se coloca uma camada de contexto, outra de existência individual e assim sucessivamente alterna-se ambas.

Apesar dos impasses que a utilização deste gênero provoca atualmente, a biografia possibilita o redimensionamento de várias questões concernentes à historiografia. Ela evita a construção de paisagens simplistas do passado, permitindo vislumbrar o passado como um campo de conflitos e disputas e não uma unidade dada e coerente.

A trajetória do Militante

Antes de iniciar as reflexões sobre a trajetória de Vilson Lalau, faremos uma breve narrativa cronológica para melhor situar aqueles/as que não conhecem sua história.

Vilson Lalau nasceu no município de Braço do Norte² em 18 de março de 1934. Seu pai Estanislau João Leonor, era jornalista e sua mãe Ondina Virginia Costa, era doméstica.

¹Grifos do autor.

²O município de Braço do Norte se localiza ao sul do estado de Santa Catarina, a cerca de 173 km de Florianópolis. Faz divisa com os seguintes municípios: Armazém, Grão-Pará, Gravatal, Orleans, Rio Fortuna e São Ludgero. Sua área atual é de 221,311 km² e sua população é 29.018 habitantes, pelo censo 2010 do Instituto

Pertencia a uma família afrodescendente³ de origem humilde e numerosa sendo ele o terceiro de 15 irmãos. No ano de 1942 sua família muda-se para Criciúma⁴, atraídos pelo salário pago pelas mineradoras, pois o carvão abastecia os navios que seguiam para Europa durante a Segunda Guerra.

Como era um dos filhos mais velhos teve e sua família possuía poucos recursos que abandonar seus estudos ainda no terceiro ano primário, para trabalhar e ajudar nas despesas da casa. Quando completa 12 anos, em 1946, Vilson torna-se ferreiro da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA).

Quando sua família mudou-se para Criciúma, passaram a interagir consideravelmente com os/as moradores/as da cidade, especialmente os/as afrodescendentes. Começaram a frequentar a Sociedade Recreativa União Operária – conhecida como o “clube dos negros”⁵–, blocos carnavalescos e times de futebol⁶. Sendo que em 1961, Vilson tornou-se presidente do Clube União Operária.

No ano de 1957, Vilson contraiu matrimônio com a professora normalista Clotildes Maria Martins. Logo que se casaram, sua esposa o convence da importância de retomar os estudos, e ele inicialmente resiste a ideia, mas acabou sendo convencido por ela. Então em 1966, aos 32 anos de idade, retomou os estudos. Em meados da década de 1970 ingressou no Ensino Superior no curso de Administração Escolar na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em Florianópolis. Após sua formação, passou a lecionar Técnicas

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

³Optamos pela utilização deste termo, pois o mesmo foi elaborado devido ao esgotamento das antigas formas de classificação social pautada na cultura escravista, sendo o mesmo fruto de um longo debate da historiografia acadêmica acerca das experiências dos/as africanos/os e seus/as descendentes no país durante a escravidão, e a crítica da visão racialista desta história por parte dos/os intelectuais de origem africana. Consultar a obra de Hebe Matos; e o texto de Paulino Cardos publicado no material produzido pela SECAD e organizado pela Jeruse Romão. Ambos encontram-se nas referências bibliográficas.

⁴O município de Criciúma se localiza ao sul do estado de Santa Catarina, a cerca de 191 km de Florianópolis. Faz divisa com os seguintes municípios: Siderópolis, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Maracajá, Araranguá, Nova Veneza, Forquilha e Içara. Sua área atual é de 235,628 km², contando com uma população de 188.557 habitantes com densidade de 800, 2 hab./km² (IBGE/2009).

⁵Em Criciúma havia vários clubes, sendo que dois se destacaram, em especial a Sociedade Recreativa União Mineira, clube este frequentado apenas por brancos/as; e a Sociedade Recreativa União Operária, clube majoritariamente frequentado pelos/as afrodescendentes. Nos demais clubes existentes na cidade alguns proibiam a entrada de afrodescendentes e outros separavam o salão com cercas ou cordas na qual brancos/as e afrodescendentes ficavam em lados opostos. Para maiores informações consultar os trabalhos sobre as sociedades recreativas que se encontram nas referências bibliográficas.

⁶Cada carbonífera de Criciúma possuía um time. Um exemplo é o time Metropol, pertencente a Carbonífera Metropolitana este time ficou muito famoso entre as décadas de 1960 e 1970, período no qual o Metropol foi para Europa disputar campeonatos.

Comerciais e Estatísticas na Escola Técnica de Comércio de Criciúma, como também nas Escolas Básicas Joaquim Ramos, em Criciúma, e Antônio João, na cidade de Içara⁷.

Em 1975 foi inaugurado em Criciúma o Centro Interescolar do Segundo Grau (CIS)⁸, que se tratava de uma escola de ensino técnico. No dia 2 de janeiro de 1978, por indicação do então Prefeito de Florianópolis Esperidião Amim, Vilson Lalau é nomeado diretor do CIS. A sua nomeação para o cargo sofreu resistência por parte de alguns segmentos da elite cricumense, pelo fato dele ser afrodescendente.

Vilson esteve à frente da referida instituição por 17 anos, e nesse período, por diversos momentos o CIS foi considerado “melhor escola do segmento da rede Fundação Educacional do Estado de Santa Catarina” (ROMÃO, 2010: 41).

Em dezembro de 1979 concluiu o curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, no município de Tubarão.

Além de se interessar pelos estudos por influência de Clotildes Lalau, ela também lhe despertou o interesse pelas obras dos militantes do Movimento Negro, especialmente os textos de Abdias Nascimento. A partir dessas leituras Vilson começou a se interessar pela militância. Foi quando ele e sua esposa ingressaram no Grupo Afro-Brasileiro⁹ no início da década de 1970.

Em 1977 o casal tomou a frente da organização do I Simpósio Cultural e o IV Encontro Afro-Brasileiro que ocorreriam em Criciúma nos dias 22, 23 e 24 de julho daquele ano. Neste evento, além da presença de autoridades como prefeito da cidade, governador do estado de Santa Catarina, personalidades “ilustres” de Criciúma, militantes do Movimento Negro dos estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro; também estiveram presentes o Dr. Francis Alsequa Ye – Major de Gana, na época professor da USP; e os Embaixadores do Zaire, Nigéria, Costa do Marfim e Gana (LALAU, 1977: 8).

⁷O município de Içara se localiza no litoral sul catarinense, a cerca de 186 km de Florianópolis, fazendo divisa com os municípios de Criciúma, Morro da Fumaça, Sangão e Jaguaruna. Sua área atual é de 294,132 km² e sua população de 58. 859 habitantes (Censo IBGE/2010).

⁸Atualmente este Centro Educacional chama-se CEDUP (Centro de Educação Profissional Abílio Paulo).

⁹Este Grupo teve sua primeira sede em São Paulo, a segunda em Salvador, a terceira em Joinville/SC e a quarta foi Criciúma.

Após este evento, ambos integraram a organização da I Festa da Etnia Negra¹⁰ em 1980, ocorrida também na cidade de Criciúma, neste evento houve apresentações culturais, simpósios e shows com bandas locais e com o cantor Jair Rodrigues, além da presença do Embaixador da Guiné.

A militância no Movimento Negro, aliada a atuação na educação, no qual tanto Vilson como Clotildes se empenharam em proporcionar para a população afrodescendente de Criciúma acesso - dando aulas particulares em casa ou na Sociedade Recreativa União Operária, muitas vezes não cobrando daqueles/as menos favorecidos economicamente-, contribuíram para que a população criciumense, sobretudo a afrodescendente construísse em torno de ambos uma aura mitificada.

Este breve relato construído a partir de depoimentos orais de amigos e familiares, e através de textos e artigos publicados nos jornais de Criciúma nos apresenta alguns elementos para a discussão.

Iniciaremos a análise com a questão da educação. A educação foi muito importante para as populações de origem africana no período pós-abolição, pois representou um meio de ascensão social, sendo este recurso amplamente utilizado pelo Movimento Negro¹¹, Agremiações e Sociedades Recreativas dos/as afrodescendentes.

[...] No Defensores da Pátria, os jogos lícitos e bailes estavam junto com a preocupação de organizar e manter uma biblioteca e gabinete de leitura, “onde a par de obras literárias os sócios encontrem, publicações, jornais, revistas etc. etc.”. A mais antiga associação beneficente recreativa paulistana, o Club 13 de Maio, apontava que depois de “festejar anualmente com o brilhantismo possível, a gloriosa data de 13 de Maio de 1888”, era intenção do clube “criar escolas noturnas e diurnas, quando seus fundos o permitirem”, juntamente com um fundo de beneficência e realização de conferências, “versando as mesmas sobre instrução e educação, com assistência de famílias”. Diversões também eram a primeira finalidade do Kosmos, que se diferenciava por oferecer espetáculos dramáticos,

¹⁰Essa festa em questão foi organizada por conta das comemorações do Centenário de Criciúma, na qual todas as “etnias” que colonizaram a cidade promoveram uma festa para comemorar o centenário da colonização. Em 1980 apenas cinco “etnias” participaram das festividades: italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra; depois foram incorporadas os/as árabes como a “sexta etnia” e os/as espanhóis/as como a sétima. Para maiores detalhes sobre os grupos “étnicos” que colonizaram Criciúma, consultar as teses de doutoramento de Emerson Campos e Dorval Nascimento, ambos os trabalhos estão listados nas referências bibliográficas.

¹¹ Neste caso refiro-me ao movimento organizado pelos/as afrodescendentes letrados/os.

atividades esportivas, possuía um jornal e também pretendia manter biblioteca (LUCINDO, 2010: 63).

Quando analisamos a trajetória do militante, muitas vezes é difícil fazer a separação da sua atuação na educação e no Movimento Negro, pois ambas se confundem e em certos momentos parecem ser uma extensão da outra.

É importante levarmos em consideração que por muito tempo o Movimento Negro (MN) chamou para si a responsabilidade sobre a educação dos/as afrodescendentes. Em 1930, foram fundadas as primeiras escolas voltadas especificamente para a educação das populações de origem africana, por iniciativa do MN. Nos jornais da “imprensa negra” do período aparecem diversos textos exaltando a importância da educação como meio de integração e ascensão social dos/as afrodescendentes (PINTO Apud MARINHO JÚNIOR, 2008: 3).

A exaltação da educação como forma de ascensão social para as populações de origem africana foi absorvida por Vilson Lalau, na medida em que além de se ocupar lecionando nas escolas citadas e, posteriormente exercendo o cargo de diretor no CIS, reservava um tempo para dedicar-se à escolarização dos/as afrodescendentes.

Sua atuação na educação, bem como sua militância no MN, mesmo sendo relacionadas à excepcionalidade, reflete as configurações dos espaços que ele frequentava, pois como afirmou Levi “uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica” (LEVI, 2006: 176). Partindo da argumentação de Levi, o destaque que Vilson teve em relação aos/as demais afrodescendentes de Criciúma, pode ser interpretado pela militância.

Outro ponto importante para a discussão é o ingresso de Vilson no Movimento Negro. Antes se faz necessário utilizarmos uma definição daquilo que compreendemos ser este movimento. O MN pode ser definido como o resultado de inúmeras experiências sociais vividas nos agrupamentos de afrodescendentes que travavam entre si e com outros grupos um conjunto de relações sociais, que criavam diversos modos de manifestação, segundo Paulino Cardoso:

[...] Fruto de múltiplas relações vividas por um agrupamento de homens e mulheres negras, foi constituído por um discurso anti-racista no interior de uma comunidade de letrados negros. Formada por trabalhadores portadores de um apurado senso de

dignidade e do desejo de construir, consolidar autônomos espaços recreativos e culturais, contribuíram na promoção de uma reformulação das atitudes públicas e privadas da população de origem africana (CARDOSO, 1993: 09).

Mesmo atuando em blocos carnavalescos, sociedades recreativas e times de futebol desde sua infância; consideramos sua entrada no Movimento Negro, a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970. Pois é nesse período que o sujeito histórico de nosso trabalho trava contato com instituições antirracistas, e com militantes de outras partes do estado de Santa Catarina, como também de outros estados.

O contato com esses militantes possibilitou a criação de uma rede de relações que permitiram o contato com as Embaixadas de Países Africanos, como também formas de organização e aspectos culturais das comunidades afrodescendentes de algumas regiões do país.

É importante destacar que essa relação com as embaixadas de países africanos que tinham boas relações¹² com o Brasil¹³, está relacionada ao Movimento da Negritude, que caracterizou o Movimento Negro a partir da década de 1970, como também as independências das colônias portuguesas em África, o *Pan Africanismo*, os movimentos dos direitos civis e o “Black Power” nos Estados Unidos.

Nesse período o Brasil estava sob o domínio da ditadura militar e juntamente com a repressão, o país estava vivendo o “milagre econômico”, sendo que o PIB cresceu cerca de 10% ao ano, representando um aumento significativo no setor industrial, as populações de origem africana, pouco se beneficiaram desse crescimento em comparação aos/as brancos/as dentro da mesma classe social, especialmente na classe média, pois o contraste foi maior. (ANDREWS, 1991: 297). Essa distribuição desigual fez com que a maioria dos/as afrodescendentes contestasse a “democracia racial”, sendo que em décadas anteriores esse assunto dividia os/as descendentes de africanos/as.

Todos esses fatores internos e externos colaboraram para que os diversos Movimentos Negros espalhados pelo Brasil voltassem seus olhares para o continente africano.

¹² A diplomacia brasileira na década de 1970, empenhou-se em estreitar relações econômicas com o continente africano, especialmente com países de colonização portuguesa. O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência de Angola. Para mais detalhes consultar a dissertação de Ivair Augusto, presente nas referências.

¹³ Este ponto consta no Estatuto da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura – Criciúma, na qual se destaca a importância de manter contato com países africanos que possuíam boas relações com o Brasil.

Era comum nos encontros culturais a representação de poetas angolanos, como Agostinho Neto e Antônio Jacinto. A poesia “Monamgambe”, de Antônio Jacinto, que retratava a dura vida de um camponês angolano, era transplantada para a dura realidade de ser negro no Brasil. O envolvimento com os angolanos sempre foi rico e, após a independência em 1975, o intercâmbio intensificou-se. Receber a visita de um africano era sinônimo de festa, e tudo quanto se publicava sobre a luta de independência era devorado. O interessante é que os discursos políticos, em particular de Agostinho Neto, não tiveram o mesmo impacto ou repercussão que seus poemas. Por outro lado, os escritos políticos de Amílcar Cabral, da Guiné Bissau, foram muito lidos e utilizados pela militância (SANTOS, 2001: 40).

Esses acontecimentos repercutiram dentro do Movimento Negro de Criciúma e contribuíram para a aproximação deste movimento com as embaixadas de países africanas e os Movimentos Negros do Brasil.

O casal Lalau cria um grupo em Criciúma que se reunia na casa deles próprios ou na Sociedade Recreativa União Operária, dependendo do número de participantes presentes nas reuniões, que se encontravam periodicamente para discutir o que eles/as compreendiam por “cultura negra” e “africana”. Nesses encontros estudavam diversas manifestações culturais africanas e afro-brasileiras ocorridas pelo país.

Para a realização da Festa da Etnia Negra, a esposa de Vilson Lalau, Clotildes Lalau, viajou para os estados do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo com a finalidade de conhecer melhor os costumes dos/as afrodescendentes nessas regiões, especialmente a culinária, já que ela cozinhava pratos típicos em eventos e encontros do Movimento Negro. Quando retornava dessas viagens compartilhava com a comunidade afrodescendente os conhecimentos adquiridos.

Esses intercâmbios culturais aliados a posição de destaque que os dois tinham no cenário de Criciúma – os mesmos foram professores e posteriormente diretores de escolas ele no CIS e ela na direção da Escola de Ensino Básico Joaquim Ramos¹⁴ - contribuíram para que ambos mudassem a maneira de se vestir. Vilson sempre usava terno e gravata em todas as aparições públicas. De acordo com sua filha Normélia¹⁵, até mesmo em casa costumava vestir social, usando trajes despojados apenas quando ia à praia. Já Clotildes passou a usar túnicas e turbantes, sendo famosa na cidade pelos seus turbantes.

¹⁴Gostaríamos de destacar que Clotildes Lalau foi a primeira diretora afrodescendente concursada do estado de Santa Catarina.

¹⁵Entrevista concedida em 2007, para a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em história, sobre a vida de Clotildes Lalau.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Sem Data
Acervo da Família

Estima-se que esta imagem seja do início da década de 1980, já que não temos a data precisa. Possivelmente, nas dependências da Sociedade Recreativa União Operária. Sua análise nos leva a algumas questões: as relações entre as origens africanas nas dispersões irreversíveis da diáspora e a apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias e culturas europeias, que segundo Hall (2003), conduziram a inovações na estilização retórica do corpo e linguísticas, a maneiras de ocupar “um espaço social alheio, a expressões pontencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade” (HALL, 2003: 343).

A forma como o casal se apresentava ao público através de suas vestes e de suas atuações, contribuiu para as representações que se construíram entorno da figura deles. Muitas

peças na cidade se referiam a Clotildes Lalau dizendo que ela parecia “uma africana” e que Wilson Lalau lembrava um afro-americano de filmes.

Os dois desfrutaram de grande prestígio e respeito em Criciúma, sobretudo entre a comunidade afrodescendente. Foram apontados como os precursores do Movimento Negro da cidade, servindo de referência para as gerações posteriores do MN, como também pelos/as militantes de sua geração, tanto em Criciúma como também no estado de Santa Catarina de um modo geral.

Considerações Finais

Construir a narrativa biográfica de Wilson Lalau, muitas vezes torna-se um trabalho difícil, não apenas pelas poucas fontes disponíveis, como também pela imagem construída em torno dele. Na qual ele é representado como um “herói” dos afrodescendentes. Essa fama deu-se também porque tanto ele como sua esposa, principalmente ela¹⁶, combatiam as manifestações racistas ocorridas na cidade.

A abordagem biográfica feita pelo/a historiador/a não deve ser um retorno ao *événementielle*, com a exaltação dos “grandes homens”, o que também não significa que o/a historiador biógrafo/a deva se tratar o/a biografado/a como uma “celebridade a ser desnudada”, mas como acentuou Benito Schmidt na conferência sobre Ética na Narrativa Biográfica, pronunciada na Anpuh nacional em 2009: o personagem biografado deve ser respeitado e compreendido em sua historicidade, respeitando-se as regras historicamente construídas do ofício do historiador.

Buscamos com este texto, através da trajetória de Wilson Lalau, compreender como o Movimento Negro foi organizado em Criciúma e sua inserção entre os/as afrodescendentes, e como a educação foi utilizada como uma forma de mobilidade/ascensão social para as populações de origem africana daquela região. Ao longo da narrativa procuramos mediar as ações do militante tomando o cuidado para não construir uma abordagem personalista, pois uma trajetória só pode ser compreendida dentro do contexto na qual ela se desenrolou.

¹⁶Clotildes Lalau escrevia artigos, fazia pronunciamentos nas rádios da cidade, criticando clubes, bancos e empresários por manifestações racistas. Alguns desses textos ela assinava com seu nome, outras vezes usava o pseudônimo de *Tulipa Negra*.

Tal preocupação se deve ao fato de que uma narrativa construída por um/a historiador/a difere de uma abordagem jornalística, pois como historiadores, temos por dever de ofício, um compromisso mais pleno com os sujeitos históricos concretos, não ficcionais e que chegaram até o presente pelos documentos, portanto as pesquisas produzidas nessa área além de seus estilos de escrita, tende prestar contas ao “‘tribunal de apelação’ da história: o passado e seus vestígios” (SCHMIDT, 1997, p.12).

Referências Bibliográficas

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1991.

ARNS, Otília. **Criciúma 1880 – 1980: A Semente Deu Bons Frutos**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1985.

ASSOCIAÇÃO da Etnia Negra de Tradição e Cultura. **Estatuto**, Acervo do Arquivo Público e Municipal de Criciúma.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, vol. 24, 2010, p. 157-172.

BERNALDO, Pedro Paulo. **Sociedade Recreativa União Operária: um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra criciumense (1950-1970)**. Monografia, UNESC, 2005.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

CAMPOS, Émerson César. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002)**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2003.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. “A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX”. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.) **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005, p. 171-185.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC/SP, 1993.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.13, v.7, p.97-113, 1994.

CRICIÚMA (SC) PREFEITURA MUNICIPAL. “Negros e Negras em Criciúma: A implementação da Lei 10.639/03 e as Personagens de uma História Desconhecida”. **Caderno Pedagógico Criciúma**. Iolanda Romeli Lima Manuel, org. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2008.

D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismos e Anti-Racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. 2007, p. 100-122. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acessado em Jun. de 2009.

ESTATUTO da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, Acervo do Arquivo Público e Municipal de Criciúma. Fichário nº 31.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HALL, Stuart. “Que “negro” é esse na cultura negra?”. IN. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 335-349.

LALAU, Clotildes Maria Martins. Um convite especial para você. **Jornal do Sul**, 09 de julho de 1977, p. 08.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2006, p. 167-182.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. História Social e Subjetividade: considerações em torno da biografia. **XII Encontro Regional de História da ANPUH**, Campinas, 1994.

LORIGA, Sabina. “A Biografia como Problema”. In: REVEL, Jacques. (org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

LUCINDO, Willian Robson Soares. **Educação no pós-abolição: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931)**. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UDESC, 2010.

MANENTI, Tamara Domingos. **Religiosidade, carnaval e movimento negro em Criciúma (1950-1980):** o que a imprensa local tem a dizer sobre isso? Criciúma: UNESC, 2005.

MARINHO Jr., Lenício Dutra. **A Lei 10.639/03 e seus reflexos na educação pública.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2008. Disponível em: <<http://www.simpósioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/CP01.pdf>>. Acessado em Jul. 2009.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do Silêncio:** os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações para a educação das relações étnico-raciais.** Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2006.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. “Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana”. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria (RS), nº 34, p.101-122, jul./dez. 2000.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe:** Processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980). Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, Dorval do. **Formação Histórica de Criciúma (1880-1930):** A elite dominante e a formação da cidade. Monografia de especialização em História. Criciúma: FUCRI/UNESC, 1993.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem:** A presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975) Cidade, Modernidade e Vida Urbana. Criciúma: UNESC, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor:** Identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

QUESTIONÁRIO Sócio Econômico, Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma. Fichário nº 31.

ROMÃO, Jeruse Maria (Coordenação). **A África está em nós:** História e Cultura Afro-brasileira: Africanidades Catarinenses. João Pessoa: GRAFSET, vol. 05, 2010.

ROSA, Júlio César. **União Operária:** resistência e manifestação cultural negra em Criciúma na década de 30. TCC. Criciúma: UNESC, 2006.

SANTOS, Ivair Augusto Alves. **O Movimento Negro e o Estado (1983-987):** O caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo. Tese de Mestrado em Ciências Políticas. Campinas: UNICAMP, 2001.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SCHERER-WARREN, Ilse. “Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais”. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul**: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos”. **Estudos Históricos**, São Paulo, n.19, p. 3-21, fevereiro/1997.

SIMIANO, Mariléia. **A Sociedade Recreativa União Operária**: um estudo sobre um território negro na cidade de Criciúma. Monografia de Especialização em História. Florianópolis: UDESC, 2002.

STEFFENS, Marcelo Hornos. A Biografia na Pesquisa Histórica: uma análise do Trabalhismo no Brasil. **Revista de Teoria da História**, ano 2, número 4, dezembro/2010 Universidade Federal de Goiás, p. 3-17.